

Do setor público para a banca privada

27

Ex-integrante dos governos FH e Lula, Portugal não tem a simpatia da Fazenda

• BRASÍLIA. O mesmo executivo que conseguiu tirar a presidente Dilma Rousseff do sério no debate sobre a redução do spread bancário já foi um dos nomes mais poderosos da equipe econômica. Antes de assumir a presidência da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Murilo Portugal, 62 anos, circulou por ministérios importantes, tanto no governo Fernando Henrique Cardoso, quanto na gestão de Luiz Inácio Lula da Silva.

No governo FH, foi secretário do Tesouro Nacional, tinha fama de durão na hora de negociar liberação de recursos. Tanto, que ganhou o apelido de "Doutor Não". Foi representante da diretoria do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), voltando para assumir a secretaria-executiva da Fazenda na gestão do ex-ministro Antonio Palocci.

Visto com um economista ortodoxo, Portugal tinha grande afinidade com Palocci. Foi ele quem abriu caminho para que o ministro de Lula ganhasse projeção e respeito na comunidade econômica internacional. Quando Palocci teve que deixar o cargo — desgastado pelo episó-

dio de quebra do sigilo do caseiro Francenildo Pereira — e Guido Mantega foi o escolhido para sucedê-lo, Portugal pediu demissão. Sua saída da Fazenda chegou a ser constrangedora, pois ele não esperou Mantega assumir para deixar a pasta.

Voltou ao FMI com subdiretor-geral e saiu para se tornar o primeiro presidente da Febraban que não fez carreira no setor. Sua contratação, em março de 2011, encerrando rodízio entre executivos de bancos privados que se alternavam na federação. As instituições queriam um profissional respeitado, com experiência internacional e trânsito no governo.

A equipe de Mantega não simpatiza com o economista. Segundo técnicos, Portugal é visto como arrogante. Na reunião com o Ministério da Fazenda no início da semana, por exemplo, ele levou um papel com a lista de 23 demandas dos bancos privados, leu todas para o ministro, mas não deixou qualquer documento na saída.

— Ele achou que a gente tinha obrigação de tomar nota de tudo — disse uma fonte. (*Martha Beck*)